

POR GERALDO LIMA

Casal

– Estou pronto para morrer, ele disse com uma voz que já trazia em si a ruína e o silêncio. Ela abriu a veneziana, como se cavasse uma fuga, e um vento frio a fez encolher-se um pouco mais para dentro do roupão. Um casal de pássaros, num voo-relâmpago, passou rente à janela. Parecia se pegar em pleno voo, ora quase tocando o chão, ora erguendo-se rumo às nuvens. Talvez os dois estivessem se acasalando, e aquela violência toda fosse só o modo de explicitar o desejo.

Durou poucos segundos esse balé desvairado, o suficiente, no entanto, para arrebatá-la. O suficiente para arrancá-la dali, daquele ambiente de falência múltipla. Assim que os pássaros sumiram mais adiante, em meio à copa dos abacateiros, ela foi sugada de novo para dentro dessa realidade prestes a se decompor.

– Estou pronto para morrer, ele repetiu, como se estivesse enfiando um prego na mente dela. Ela fechou a veneziana e foi até o quarto. Abriu a gaveta da cômoda e do meio das roupas tirou um objeto que lhe provocou calafrios. Deu vontade de sentir de novo o vento frio na cara antes que tudo ruísse diante dos seus olhos.

A ponte

A rajada de vento apanhou a folha de papel jogada sobre a ponte e a transportou numa viagem desengonçada por sobre as águas do rio. A mulher acompanhou a trajetória da folha até não avistá-la mais, talvez tenha caído na água e se dissolvido toda, pensou. E no mesmo instante desejou ser aquela folha de papel e ser arrastada pelo vento. Ser, enfim, arremessada contra uma superfície sólida ou líquida e desaparecer inteira.

Quando pequena, ela já sentia a vertigem de se imaginar jogando ali de cima da ponte. O corpo, como um tronco de árvore podre, flutuava por alguns instantes e depois era arrastado violentamente pela força da gravidade. Sua imaginação febril agia com tanta perfeição que ela podia ouvir o som da água se esparramando toda em ondas concêntricas assim que o corpo a tocava.

Uma árvore de tronco podre, é assim que se sente agora. E está prestes a romper com as raízes e tombar no vazio. Só espera a próxima rajada de vento colhê-la sem aviso e delicadeza.

Gritos

De repente o tempo fechou dento do salão. Vi um brilho de metal luzir sob a luz da lâmpada e dezenas de pessoas precipitarem-se em direção à porta. A porta, como era de se esperar, tornou-se estreita demais para tanto desespero. Consegui vazar pela janela e sumi dentro do breu. Parei uns quinhentos metros depois, sem ar nos pulmões e coragem para avançar no escuro. Então fechei os olhos e tapei os ouvidos para não ouvir nada, nem o tinir do aço nem o estalido das armas de fogo. Mas na mente, sem que eu pudesse interromper, a cena continuou a desenrolar-se violenta e gangrenada.

GERALDO LIMA. (DISTRITO FEDERAL/GOIÁS. Professor, escritor e dramaturgo. Já publicou alguns livros, entre eles *Baque* (conto, LGE Editora), *UM* (romance, LGE Editora) e *Tesselário* (minicontos, Selo 3x4, Editora Multifoco). É colunista dos sites O BULE www.o-bule.com e Portal Entretexos www.portalentretexos.com.br e do blog Dona Zica tá braba <http://donazicatabraba.wordpress.com/> Colabora com o Jornal Opção (Goiânia), o Jornal de Sobradinho (DF) e a Revista TriploV (Portugal): www.triplov.com Bloga ainda em: www.baque-blogdogeraldolima.blogspot.com.